

ESTRATÉGIAS PARA UM ENSINO DE MATEMÁTICA QUE VISIBILIZE, RESPEITE E VALORIZE PESSOAS LGBTI+

Felipe Mendes Monteiro ¹
Rodney Marcelo Braga dos Santos ²

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar estratégias para o ensino de Matemática que visibilize, respeite e valorize pessoas LGBTI+ na perspectiva da abordagem da transversalidade. Para tal, foi necessário inicialmente uma revisão bibliográfica sobre o conceito de transversalidade exposto em documentos normativos da educação básica brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e entender o porquê é essencial tornar a aula de Matemática mais inclusiva para pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos e demais identidades (LGBTI+). A transversalidade é o modo adequado para o tratamento de temas urgentes que não devem constituir uma disciplina, mas permear toda a prática educativa, cujo estudo exige uma abordagem particularmente ampla e diversificada. Quanto ao tratamento metodológico, foi utilizado o procedimento de pesquisa bibliográfica com ajuda do estado da arte realizado por Guse e Esquinhalha (2022), pois com ele foi possível identificar 4 (quatro) artigos que abordam estratégias de ensino que incluam pessoas LGBTI+, a saber: Câmara; Borges; Lacerda Neto (2014), Waise (2021), Rosa (2021) e Barbosa; Giraldo; Costa Neto (2021). Desses artigos foi possível extrair algumas atitudes e atividades que ajude a combater o preconceito com pessoas LGBTI+ de forma transversal à disciplina de Matemática, assim conseguindo alcançar o nosso objetivo e esperando-se que contribua para ajudar outros professores a tornar suas aulas mais inclusivas.

Palavras-chave: LGBTI+, Matemática, Transversalidade, Estratégias.

INTRODUÇÃO

De acordo com Guse e Esquinhalha (2022) a sigla LGBTI+ é utilizada para representar pessoas que desviam das normas de sexualidade e gênero estabelecidas pela sociedade em que estamos inseridos, referindo-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos e demais identidades. Com relação a possibilidades de outras letras para sigla, eles reforçam que não existe um consenso geral a respeito, existem outras com mais ou menos letras, mas eles adotam a sigla “LGBTI+” pelas recorrentes observações desta sendo utilizada em pesquisas e movimentos sociais.

Infelizmente, ao longo do tempo essas pessoas foram fortemente inviabilizadas e desrespeitadas de diversas maneiras, inclusive no contexto escolar. No combate disso a

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal da Paraíba. felipe.monteiro@academico.ifpb.edu.br;

² Doutor em Logística pela Universidade Federal de Roraima. Professor do Instituto Federal da Paraíba. rodiney.santos@ifpb.edu.br.

educação é primordial, entretanto não é necessário a criação de uma nova disciplina nas escolas, mas sim fomentar a presença do tema corriqueiramente nas disciplinas já existentes como a matemática, ou seja, utilizando a transversalidade.

A transversalidade é o modo adequado para o tratamento de temas urgentes que não devem constituir uma disciplina, mas permear toda a prática educativa, cujo estudo exige uma abordagem particularmente ampla e diversificada (Garcia, 2007).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são um conjunto de documentos que trazem orientações para as práticas pedagógicas, a transversalidade na educação básica é dada como à possibilidade de correlacionar a aprendizagem de conhecimentos teóricos com questões da vida real de forma sistemática e contínua (BRASIL, 1998). Nessa perspectiva, em um desses documentos é exposto um conjunto de temas com o título de ‘Temas Transversais’, sendo eles: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, *Orientação Sexual*, Trabalho e Consumo.

Esses Temas Transversais devem ser acolhidos pelas áreas convencionais de forma que que seus conteúdos sejam contemplados em todas, entretanto sem trabalhá-los paralelamente, mas de trazer para os conteúdos tradicionais e para a metodologia da área as perspectivas dos temas (BRASIL, 1998, p. 27).

Utilizando uma nomenclatura semelhante de Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), o material feito pelo Ministério da Educação com propostas de práticas de implementação desses temas evidencia que

[...] os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) têm a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2019, p. 6).

Pensando nessa ligação com os componentes curriculares é inevitável se pensar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Sobre os Temas Contemporâneos Transversais, o documento da BNCC expõe que:

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BRASIL, 2017, p. 19).

Diante disso, a Educação Sexual pode ser considerada transversal “[...] porque é parte inseparável das relações humanas, e nunca como imposição de qualquer parâmetro ou proposta curricular, mas como reflexo da vida em suas demandas cotidianas, pois somos seres humanos que se educam sempre numa perspectiva transversal.” (Carvalho, 2012, p. 19).

Ainda no material ‘Educação Sexual: interfaces curriculares’, Carvalho (2012, p. 24) afirma que o termo Orientação Sexual que é trago nos PCNs é entendido como o processo de educação sexual que a escola deve trazer intencionalmente na sua intervenção pedagógica, visando objetivar problematizar e informar de forma coletiva questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.

Para se compreender a importância dessa temática, com foco na realização de práticas que visem a inclusão e combate a preconceitos contra pessoas com orientações sexuais e gêneros que fujam principalmente da cis-hetero, é preciso inicialmente entender a diferença de sexo e sexualidade. Segundo Carvalho (2012) o sexo, na maioria das vezes, é a característica biológica e genital do indivíduo, diferindo-se do ato sexual. Agora definir a sexualidade é mais complexo, pois é uma característica inerente ao ser humano e historicamente dinâmica, no entanto, segundo Abramovay, Castro e Silva (2004, p. 29):

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

É em virtude da dificuldade de compreensão desses dois conceitos que muitas das vezes a sexualidade é resumida apenas ao ato sexual, principalmente no âmbito escolar. Diante desse cenário parece ser um grande absurdo tratar da temática de Educação Sexual, já que significaria para muitos uma estimulação precoce a esses atos (Carvalho, 2012, p. 11). Essa incompreensão sobre gêneros e sexualidade contribuem para a disseminação de preconceitos e discriminações em nossa sociedade, principalmente com pessoas que não seguem a “normalidade”, ou seja, pessoas LGBTI+.

Segundo uma pesquisa encomendada pelo Ministério da Educação à Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, da USP) em 2009, as principais vítimas de bullying e discriminação no ambiente escolar eram homossexuais, negros e pobres. Além disso, 40% dos diretores entrevistados já viu ou soube de algum aluno na escola que foi humilhado por ser

LGBTI+, sendo o maior percentual. Essa pesquisa reforça a necessidade da educação sexual que combata esses dados e desmistifique o preconceito por conta da orientação sexual e gênero na sociedade.

Perante o exposto, o objetivo desse artigo é apresentar estratégias para um ensino de Matemática que visibilize, respeite e valorize pessoas LGBTI+ com base no Estado da Arte realizado por Guse e Esquincalha (2022), assim espera-se inspirar e ajudar professores de matemática a tornarem suas aulas além de um espaço matemático, mas também um espaço de combate a preconceitos.

METODOLOGIA

O presente trabalho utiliza como procedimento metodológico uma pesquisa bibliográfica, que para Severino (2013) trabalha a partir das contribuições dos estudos de outros autores sobre o tema, podendo ser em documentos como livros, artigos, monografias, teses, entre outros. Além disso, é usado uma abordagem qualitativa com objetivos exploratórios, já que busca apenas levantar informações não-numéricas sobre um determinado objeto de estudo (Severino, 2013), sendo ele as estratégias no ensino de matemática que visibilize, respeite e valorize pessoas LGBTI+.

Para tal, foi necessário inicialmente fazer uma revisão bibliográfica para se entender a concepção de temas contemporâneos transversais e sua ligação com a educação sexual. Além disso, visando alcançar o objetivo traçado, foi fundamental fazer um recorte do trabalho de Guse e Esquincalha (2022) intitulado ‘Por uma educação matemática desviante das (cis-hetero)normas: o que dizem as pesquisas envolvendo pessoas LGBTI+?’ para se encontrar os trabalhos que deram suporte para nossa pesquisa, pois nele é feito um Estado da Arte dos trabalhos como teses, dissertações e artigos publicados em periódicos e em anais de eventos que relacionam a educação matemática e pessoas LGBTI+.

No trabalho de Guse e Esquincalha é encontrado 55 trabalhos que abordam essa temática, incluindo em língua inglesa. Para nossa pesquisa realizou-se uma limitação aos 25 trabalhos em português já que esperamos práticas que apoiem-se com os documentos normativos brasileiros. Com a leitura dos resumos dos trabalhos, filtrando só aqueles que trazem estratégias no contexto da educação básica, apenas 4 foram selecionados (Waise, 2021; Rosa, 2021; Barbosa; Giraldo; Costa Neto, 2021; Câmara; Borges; Lacerda Neto, 2014).

Esses artigos são os instrumentos norteadores da próxima seção, pois é deles que foram extraídos e analisados as sugestões de práticas almeçadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção encontra-se uma análise referente aos trabalhos escolhidos (Waise, 2021; Rosa, 2021; Barbosa; Giraldo; Costa Neto, 2021; Câmara; Borges; Lacerda Neto, 2014), com foco nas informações presentes nos trabalhos que forneçam estratégias no ensino de matemática que visibilize, respeite e valorize pessoas LGBTI+.

O artigo de Barbosa; Giraldo; Costa Neto (2021), intitulado “Etnomatemática e pedagogia decolonial na licenciatura em matemática: uma experiência com estudantes LGBTI+”, teve como objetivo identificar as contribuições para a formação inicial de professores de matemática do estágio em um projeto que oferece aulas de matemática para um grupo formado por estudantes que pertencem ao grupo LGBTI+, para tal eles fizeram um estudo de caso entrevistando duas estudantes, nomeadas de L e M, que davam aula nesse projeto. Diante das experiências relatadas por meio de entrevistas e das discussões propostas a partir delas, os autores puderam tirar algumas atitudes essenciais para que nós professores tenhamos nas nossas aulas que respeite pessoas LGBTI+.

Nos relatos das futuras professoras, identificamos que, entre as práticas que mais impactaram suas crenças e concepções relacionadas ao ensino de Matemática, destacam-se aquelas que salientam aspectos do respeito à diversidade cultural nas aulas. Desde o fato dos estudantes poderem escolher o modo como querem ser tratados até a contextualização e flexibilização dos temas abordados, tornou-se evidente para elas a necessidade de o professor respeitar a identidade cultural dos estudantes, criando um ambiente acolhedor em sala de aula (Barbosa; Giraldo; Costa Neto, p. 422, 2021).

Com relação a utilização do nome social, é uma atitude simples e de extrema importância, e que o Ministério da Educação através da Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 1 de janeiro de 2018 aprovou seu uso nos registros nas instituições de educação básica, mas infelizmente sabemos que não é totalmente aplicada na realidade. Nos relatos das licenciandas, segundo Barbosa; Giraldo; Costa Neto (2021), elas ficaram impactadas ao escutar alguns relatos de estudantes sobre o constrangimento que sofrem em vários ambientes por não serem chamadas por seus nomes sociais.

Além disso, dois elementos que eles identificaram como favorecedor de acesso daqueles estudantes LGBTI+ aos conhecimentos matemáticos foi a construção de um ambiente de sala de aula em que os estudantes tenham liberdade para expressarem suas identidades e a contextualização das situações problema. Esses aspectos têm forte ligação com as ideias no trabalho de Waise (2021), pois segundo ele, uma ideia de abordagem da temática

diversidade sexual e de gênero com as aulas de matemática é estimular a leitura e a escrita da realidade da vida com a matemática. Para entender melhor essa perspectiva, ele afirma que

[...] podemos pensar em como nossa prática docente pode caminhar nessa direção crítica, fomentando a leitura e a escrita do mundo por meio da matemática. Isto é, que direcione para a percepção e reflexão sobre a realidade das(os) alunas(os), no caso da leitura, como também seja um motor para movimentos de luta pela mudança de contextos opressores, no caso da escrita. (Waise, p. 87, 2021).

Na dissertação de Waise (2021), intitulada “Cenários de reconhecimento em contextos de minorias sexuais e de identidades de gênero na aula e na formação inicial de docentes de matemática”, propõe-se a discutir o papel da(o) professor(a) de matemática no processo de reconhecimento de estudantes LGBTI+. Em uma das seções procura questionar como a disciplina de matemática e suas(seus) professoras(es) podem atuar em prol do reconhecimento ou desrespeito de suas(seus) estudantes, o que se relaciona com o que procuramos em nossa pesquisa, então trabalhamos com ela.

Exemplificando essa abordagem discutida na seção, ele expôs propostas de atividades que podemos usar nessa perspectiva, vamos mostrar duas delas. A primeira tem o objetivo de refletir sobre os estereótipos sobre a comunidade LGBTI+ propagados nas plataformas de buscas, no caso foi utilizado o *Google Imagens* para pesquisar termos como “família” e “transexual”. Quando se realiza as duas pesquisa é encontrado número expressivo de imagens com famílias heteronormativas e imagens relacionando a transexualidade com aspectos negativos de prostituição e marginalização. Essa atividade pode ser um mecanismo para motivar discussões sobre estereótipos vinculados a essas pessoas e envolver a matemática, pois pode ser relacionado na discussão como funciona o algoritmo de busca do *Google* e sua relação com conceitos de matrizes e computação (Waise, 2021).

A outra proposta mencionada no trabalho é a utilização da bandeira do orgulho LGBTI+ para levantar questões críticas nas aulas de geometria como diversidade sexual e de gênero. Por essa bandeira apresentar diversas figuras geométricas é possível trabalhar o reconhecimento e o cálculo de área dessas figuras pelas cores presentes, além de provocar uma discussão sobre seus significados para a comunidade.

Essas duas atividades mostram como não é complexo tornar nossa aula transversal, são atividades simples, envolvendo assuntos de matemática e com uma contextualização de extrema importância em discussões sobre o respeito e combate ao preconceito com pessoas LGBTI+.

Outra atividade que mostra isso é a presente no relato de experiência de Câmara; Borges; Lacerda Neto (2014), intitulado “Homossexualidade e Homofobia: uma abordagem cotextualizada da matemática” que discute a aplicação em uma turma do 9º ano de uma atividade interdisciplinar matemática envolvendo o ensino da Estatística e um tema transversal bastante importante: a homofobia. Essa atividade consistiu de utilizar um texto do site UOL com vários dados estatísticos sobre o tema, primeiramente foi explorado no texto os dados para trabalhar assuntos como média aritmética, interpretação e construção de gráficos e tabelas, e depois foi questionado a opinião dos alunos sobre essas agressões e violências sobre os homossexuais.

Uma informação importante que podemos extrair dos resultados desse trabalho são algumas falas que os autores trazem dos alunos durante o momento de reflexão, pois algumas são infelizmente carregadas de muito preconceito. Essas falas reforçam a necessidade de desmitificarmos visões erradas que as pessoas têm sobre pessoas LGBTI+, por isso é tão indispensável falarmos de transversalidade, já que é um dos mecanismos educacionais para se falar em educação sexual.

Podemos observar que todas essas atividades extraídas até agora são bastante adaptáveis. A primeira atividade de Waise (2021) pode envolver diversas outras palavras que remetem a comunidade LGBTI+ é as pessoas remetem a aspectos negativos, já na segunda podemos explorar as diversas de outras bandeiras de cada letra na sigla. Já essa de Câmara; Borges; Lacerda Neto (2014) pode servir de inspiração para utilizarmos as diversas informações estatísticas que encontramos na internet, por exemplo os textos que falam que o Brasil é o país que mata pessoas transsexuais e travestis no mundo.

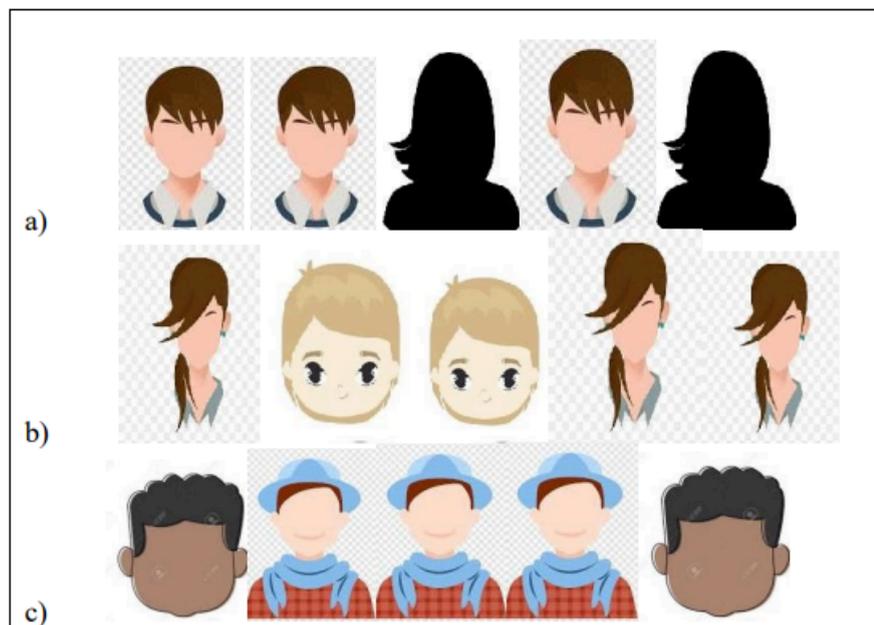
Dos trabalhos encontrados ainda temos o de Rosa (2021), intitulado “Teoria Queer, números binários e educação matemática: estranhando a matemática em prol de uma héxis política”, pois em uma parte dele é proposto uma reflexão didática-pedagógica sobre os números binários que é possível ser aplicada na aula de matemática. Essa atividade consiste em trabalhar a numeração binária da matemática e discutir a visão binária de gênero imposta na sociedade a partir de perguntas aos seus alunos.

A ideia de discutir números binários em sala de aula, então, além de suscitar todos os pontos que levantamos, principalmente, nas Ciências da Computação a representação de informações, elenca uma particularidade de estranhamento que a matemática pode sustentar: a discussão de sexualidade e gênero. A partir de descoberta e estranhamento, sugerimos uma atividade-matemática com números binários. Assim, nosso processo didático-pedagógico começaria com algumas questões a serem propostas a uma turma do Ensino Médio, por exemplo: a) Você sabe o que significa o

prefixo bi? Pode comentar? Tem a ver com títulos do futebol/voleibol/outra esporte em termos de campeonatos, por exemplo? [...] b) Você sabe o que significam as palavras binário/binária/binaridade? Já ouviu falar? Tem alguma noção do que deve ser? (A investigação em sites de busca é possível e recomendada). c) Você sabe o que são números binários? Para que servem? (Rosa, p. 81, 2021).

O autor em seu trabalho sugere diversas perguntas que podemos utilizar nesse momento de discussão, mas parte interessante é a utilização da Figura 1 nesse momento. A atividade trata-se de decifrar os números codificados sabendo que meninas são 1 e meninos 0.

Figura 1: Atividade códigos relativos de Rosa (2021)



Fonte: Google Imagens, retirada de Rosa (2021).

Dessa decifração ele sugere que:

Com essa atividade, algumas questões precisam ser lançadas: i) quais resultados você encontrou? ii) De que forma você justifica a atribuição de valores em cada caso? iii) Como você consegue identificar quem é menino e quem é menina? iv) Você já ouviu falar em pessoas trans? De que forma? v) Após essa conversa, você trocaria os valores que possivelmente você atribuiu? Justifique. (Cabe lembrar que mesmo que as figuras das pessoas apresentadas na atividade fossem completamente estereotipadas como “meninos” e “meninas”, em cada caso, nem assim, somente pela aparência, se poderia afirmar/concluir quem seria o menino e quem seria a menina). (Rosa, p. 81, 2021).

A atividade de Rosa em comparação com os demais expostos, aparentemente, é o mais complexo de se trabalhar, tanto no aspecto matemático como na transversalidade com questões dos estereótipos de gênero, já que é um assunto polêmico. Entretanto, como bem exposto pelo autor: “Educar pela matemática, ou seja, correlacionar a própria matemática à

compreensão de gênero, por exemplo, discutindo binaridade, a nosso ver, é uma forma de estranhar, de se fazer *queer*, conseqüentemente, resistir”, ou seja, extremamente necessário.

De modo geral, todos os trabalhos expostos aqui têm em comum a tentativa de implementar na aula de matemática um dos Temas Transversais exposto pelos PCNs, a educação sexual com foco na causa LGBTI+. Entretanto, foi notado que utilizaram-se de maneiras diferentes para tal, uns focando em atitudes que nós professores devemos ter para respeitar e valorizar nossos alunos, como Barbosa; Giraldo; Costa Neto (2021) e Waise (2021), e outros propondo atividades mais específicas, como Waise (2021), Câmara; Borges; Lacerda Neto (2014) e Rosa (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que é possível traçar estratégias que colaborem para tornar a aula de matemática um ambiente acolhedor para alunos LGBTI+, como as apresentadas na seção anterior por meio dos trabalhos de Waise (2021), Rosa (2021), Barbosa; Giraldo; Costa Neto (2021) e Câmara; Borges; Lacerda Neto (2014). Além disso, foi observado que a transversalidade foi utilizada em todos os trabalhos apresentados, mostrando a importância dela nessa temática.

Por fim, espera-se que este trabalho inspire e facilite outros educadores de matemática a tornarem suas aulas mais inclusivas para esses alunos que já sofre muito em outros ambientes, assim como sinaliza a necessidade de mais trabalhos acadêmicos que foquem em estratégias e atividades que trabalhe questões de gênero e sexualidade de forma transversal na aula de matemática.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

BARBOSA, G. S.; GIRALDO, V. A.; COSTA NETO, C. D. C. Etnomatemática e pedagogia decolonial na licenciatura em matemática: uma experiência com estudantes LGBTQI+. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, Petrolina, v. 11, n. 24, p. 393-425, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos e transversais na BNCC: Proposta de Práticas de Implementação**. Brasília: MEC/SEB, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclos: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF : MEC/SEF, 1998.

CÂMARA, B. C.; BORGES, L. G.; LACERDA NETO, J. C. N. L. Homossexualidade e homofobia: uma abordagem contextualizada da matemática. In: ESCOLA DE INVERNO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 4., 2014. **Anais [...]**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014, p. 1-10.

CARVALHO, G. M. D. *et al.* **Educação sexual: interfaces curriculares – caderno pedagógico**. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2012.

GARCIA, L. A. M.. Transversalidade e Interdisciplinaridade. **Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias - RJ**, 2007. Disponível em: <<https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação%20Continuada/Artigos%20Diversos/garcia-transversalidade-print.pdf>>

MEC/INEP/FIPE. Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no âmbito escolar. **Instituto Unibanco**: Brasília, 2009. Disponível em: < <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/11/index.html> >. Acesso em: 25/11/2023.

ROSA, M. Teoria Queer, números binários e educação matemática: estranhando a matemática em prol de uma héxis política. **Educação Matemática em Revista**, Brasília: Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), v. 2, n. 22, p. 70-87, 2021.

SOUZA, D. M. X. B; SILVA, M. A. Heteronormatividade demarcada por um currículo de matemática: uma linguagem para multiplicar sentidos. In: 7º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO E 4º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO, 2017, Canoas. **Anais [...]** Canoas: ULBRA, UFRGS, 2017b, p. 1-14.4.

WAISE, T. S. **Cenários de Reconhecimento em Contextos de Minorias Sexuais e de Identidades de Gênero na Aula e na Formação Inicial de Docentes de Matemática**. 2021. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.